

MÉTODO TRUMP: PÂNICO COMO ALAVANCA, ALÍVIO COMO CONSEQUÊNCIA

Quando a geopolítica vira ativo, o livro de ofertas antecipa a diplomacia; minutos antes de anúncios presidenciais, bilhões em derivativos são movimentados para lucrar com a volatilidade fabricada; conflito e cessar-fogo deixam de ser estratégias de Estado e se transformam em ativos de mercado.

Giuseppe Gagliano*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

QUANDO A GUERRA ENTRA NO LIVRO DE OFERTAS

A verdadeira questão não é se Donald Trump está blefando com o Irã. A verdadeira questão é outra: quantas vezes se pode fabricar pânico, comprar na baixa, vender no alívio e depois apresentar tudo isso como a arte da negociação? Porque o que aconteceu não é mais apenas uma questão de geopolítica. Agora se enquadra na microestrutura dos mercados, no financiamento de derivativos, na vantagem informacional que se traduz em lucro mesmo antes da notícia se tornar pública.

Às 06h50 da manhã, horário de Nova York, o pré-mercado americano é um espaço frágil. A

liquidez é escassa, os volumes são baixos e os *spreads* de preços são maiores do que o normal. Nessa hora, uma oferta muito grande não reflete apenas uma convicção do mercado: ela molda o próprio mercado. E o contexto já estava saturado de tensão. Os mercados asiáticos acabavam de fechar em forte queda, com o Kospí sul-coreano caindo 6,5%, o Nikkei 3,5% e o Hang Seng 3,5%. Os contratos futuros dos índices S&P 500 indicavam uma queda inicial de cerca de 1%. O petróleo subia para perto de US\$ 113 o barril, refletindo um prêmio de risco ligado ao Estreito de Ormuz e à perspectiva de uma nova escalada militar.

Nesse aparente vácuo, surgiu uma operação cuja estrutura financeira, por si só, era bastante reveladora. Nos terminais da Bolsa Mercantil de Chicago, uma compra incomumente grande apareceu nos contratos futuros eMini do S&P 500, os instrumentos mais utilizados no mundo para obter exposição rápida ao mercado de ações dos EUA. Ao mesmo tempo, ocorreu uma venda repentina nos contratos futuros do WTI, o petróleo bruto de referência dos EUA. Isso não foi uma aposta aleatória. Trata-se de pura leitura de cenários: comprar risco em ações e vender risco em energia é uma forma de se posicionar para uma iminente distensão geopolítica. É como dizer: em alguns minutos, ou algumas dezenas de minutos, surgirão notícias que farão as ações subirem e os preços do petróleo caírem.

Os valores envolvidos descartam a ação impulsiva de um especulador solitário. Estamos falando de aproximadamente US\$ 1,5 bilhão em valor nocional em contratos futuros de ações e US\$ 192 milhões em contratos futuros de petróleo bruto vendidos. No entanto, no mundo dos futuros, o capital nocional não corresponde ao capital real investido: o investidor deposita apenas uma fração do valor total como margem. É aqui que os detalhes financeiros se tornam cruciais. Uma flutuação de preço relativamente pequena, quando multiplicada pela alavancagem inerente aos derivativos, pode gerar ganhos extraordinários em um curto período.

A SEQUÊNCIA PERFEITA

Quinze minutos depois, às 07h05, a mensagem de Trump foi transmitida. Ele anunciou conversas “*muito boas e produtivas*” com o Irã e a suspensão por cinco dias dos ataques às usinas e infraestrutura energética iranianas. Foi tudo o que bastou. Os contratos futuros do S&P 500 subiram cerca de 2,7% em questão de minutos. A projeção era de que o Dow Jones abrisse com alta de cerca de 1.100 pontos. O WTI despencou para menos de US\$ 90 o barril, uma queda de cerca de 10%, enquanto o Brent caiu para menos de US\$ 100. Os rendimentos dos títulos do Tesouro americano recuaram, o dólar se desvalorizou e a volatilidade implícita diminuiu. O mercado recomprou o risco em alta velocidade e eliminou o prêmio

de guerra embutido no setor de energia.

Para ser preciso, aqueles que compraram contratos futuros do S&P 500 antes do anúncio não lucraram apenas porque o índice esperado subiu. Eles ganham porque o contrato futuro, um instrumento linear e altamente alavancado, transforma imediatamente cada flutuação do índice em lucro contábil. Da mesma forma, quem vendeu contratos futuros de petróleo monetiza a queda nos preços do petróleo bruto com uma eficiência que seria difícil de alcançar no mercado físico ou com ações de empresas petrolíferas. Em outras palavras, esta não foi uma aposta abstrata na paz. Uma carteira tática notavelmente coerente foi construída: compra de ações e venda de petróleo, exatamente no período que antecedeu o catalisador.

A simultaneidade das duas vertentes da operação é um detalhe crucial. A compra exclusiva de ações poderia ter sido interpretada como uma aposta agressiva em uma recuperação técnica. A venda exclusiva de petróleo poderia ter sido vista como especulação em um mercado de energia sobrecomprado. Mas comprar ações e vender petróleo exatamente no mesmo instante, por somas tão elevadas, minutos antes de um anúncio presidencial de distensão, equivale a incorporar conhecimento prévio do iminente choque de informação.

O MERCADO VALORIZA PALAVRAS, NÃO A VERDADE

A negação iraniana veio rapidamente e teve um peso político significativo, embora muito menor do ponto de vista financeiro. Teerã negou qualquer contato direto ou indireto com Washington. O presidente do parlamento iraniano acusou abertamente Trump de usar desinformação para manipular os mercados financeiros e de petróleo. No âmbito diplomático, o anúncio fracassou. No que diz respeito aos preços, o lucro ou o prejuízo já havia sido realizado.

Este é o ponto crucial da questão. Para os mercados, o que importa não é se a informação é verdadeira. Ela precisa simplesmente ser crível pelo tempo necessário para desencadear o movimento. Nas finanças contemporâneas, especialmente com instrumentos altamente alavancados e altamente reativos, alguns minutos são suficientes. Às vezes, alguns segundos. Se o investidor entra antes e sai imediatamente depois, o que importa não é a força da operação, mas o impacto inicial da narrativa.

De acordo com vários relatos, este episódio não é um incidente isolado. Um padrão semelhante teria ocorrido com um anúncio anterior, que também se revelou infundado ou, no mínimo, sem uma base diplomática sólida. A partir deste ponto, a natureza do fenômeno muda. Não estamos mais lidando com um incidente, mas com uma técnica. Não estamos mais diante de uma coincidência, mas de um padrão de repetição.

ONDE SE OBTÉM LUCRO

O lucro potencial de tal operação se desdobra em vários níveis. Primeiro, no movimento direcional puro dos contratos futuros. Segundo, na reavaliação imediata das opções, já que um anúncio de alívio das tensões reduz a volatilidade implícita e altera instantaneamente o preço das proteções. Terceiro, nos *spreads* entre o mercado à vista e o mercado de derivativos, que mesas de operações sofisticadas podem explorar por meio de arbitragem. Finalmente, nos mercados de títulos e de câmbio, já que o alívio das tensões comprime os prêmios de risco, redireciona os fluxos para títulos do Tesouro e altera o valor relativo do dólar.

Mas o fator decisivo continua sendo a velocidade. Em um pré-mercado ilíquido, uma oferta desse tamanho faz mais do que simplesmente abrir uma posição: ela ajuda a desencadear o movimento, sinaliza uma direção, força outros *traders* a segui-la, ativa algoritmos de *momentum*, pressiona os vendedores e acelera a cobertura de posições vendidas. As finanças contemporâneas amplificam tudo. Se o impulso inicial for forte o suficiente, o resto do mercado se torna uma câmara de eco.

É por isso que a questão não pode ser reduzida a um simples julgamento moral ou político sobre Trump. Estamos diante de um potencial uso da comunicação presidencial como gerador de volatilidade negociável. A notícia se torna um ativo subjacente. O conflito se torna um ativo. O cessar-fogo, ou mesmo sua mera menção, se torna uma opção.

MERCADOS PREDITIVOS E CONFLITOS DE INTERESSE

O cenário se complica ainda mais quando consideramos as plataformas de apostas políticas e a complexa rede de interesses que envolve a família Trump. Se atores próximos ao poder estão presentes, como conselheiros ou parceiros, no ecossistema que monetiza os efeitos das decisões presidenciais, então o conflito de interesses deixa de ser periférico: torna-se estrutural. E quando esse mundo das apostas se combina com o dos derivativos negociados em bolsa, tudo ganha uma nova dimensão. Não se trata mais simplesmente de uso de informação privilegiada no sentido clássico, mas de uma potencial industrialização da assimetria de informação.

Uma coisa é saber com antecedência os resultados de uma empresa, uma fusão ou os balanços trimestrais. Outra bem diferente é saber ou antecipar o conteúdo e o momento exato de uma mensagem do comandante-em-chefe dos Estados Unidos sobre uma guerra em curso. Aqui, o objeto da especulação não é uma empresa listada em bolsa, mas a percepção global do risco.

A PERSPECTIVA GEOECONÔMICA

De uma perspectiva geoeconômica, a situação é devastadora. O Estreito de Ormuz não é simplesmente uma passagem marítima: é um nó sistêmico da economia global. Quando o mercado de petróleo incorpora o risco de um bloqueio ou interrupção, ele não valoriza apenas o petróleo bruto em si. Ele valoriza o custo futuro do transporte, fertilizantes, refino, logística global e inflação importada. A Ásia paga primeiro. A Europa paga quase imediatamente. Os Estados Unidos, mais bem protegidos em termos de energia, usam essa centralidade financeira para impor sua narrativa ao resto do sistema.

Se um anúncio ambíguo é suficiente para fazer o prêmio da guerra do petróleo evaporar em minutos, então esse prêmio não é apenas uma variável econômica: é uma alavanca política. E quem controla o ritmo dos anúncios controla, pelo menos por um tempo, o custo global da energia.

AVALIAÇÃO ESTRATÉGICA E MILITAR

De uma perspectiva estratégica e militar, tudo isso revela uma profunda erosão da dissuasão. A dissuasão clássica requer clareza, credibilidade e um alinhamento consistente entre ameaça e ação. Aqui, ao contrário, ameaças e distensão parecem se alternar como instrumentos para gerenciar a volatilidade. O risco é duplo. Por um lado, adversários, como o Irã, aprendem a interpretar essas oscilações como sinais de incerteza, e não de poder. Por outro lado, aliados, já expostos ao risco energético, tornam-se reféns de uma comunicação capaz de destruir ou recriar valor em tempo real.

O MÉTODO TACO E A FINANCEIRIZAÇÃO DA CRISE

A fórmula pela qual Trump ameaça, provoca pânico e depois recua o suficiente para desencadear uma recuperação já ganhou seu nome em Wall Street. Mas, no caso iraniano, há uma diferença crucial: a vontade unilateral americana, por si só, não basta para transformar ficção em paz. É necessária uma contraparte real, e essa contraparte nega até mesmo a existência de diálogo. Isso torna o mecanismo ainda mais perigoso, porque o mercado pode ser violentamente impulsionado por um anúncio que não se baseia em nenhum processo diplomático verificável.

O mercado financeiro, no entanto, não espera por verificação. Ele opera dentro da janela do privilégio informacional. E, dentro desse período, o lucro já foi obtido.

AS VERDADEIRAS PERGUNTAS

As verdadeiras questões são financeiras antes de serem políticas. Quem fez aquele pedido de contratos futuros às 06h50? De qual mesa de operações ele se originou? Foi um único agente ou vários operadores coordenados? Havia alguma posição em opções associada a essa estratégia? Havia posições relacionadas em títulos do Tesouro, no dólar ou em mercados de apostas políticas? Quais telefones tocaram nos minutos anteriores à publicação da mensagem? Quantos intermediários sabiam o conteúdo, o horário e a redação do anúncio?

E, acima de tudo: se existe um precedente quase idêntico, por que as autoridades reguladoras não estão tomando providências? Por que não estão rastreando a cadeia de informações, a origem das ofertas, a concentração de posições, a cronologia exata das execuções?

A matéria-prima não é o petróleo. É o caos.

Em última análise, este é o ponto crucial da questão. A guerra não é mais travada apenas em terra ou nos céus do Oriente Médio. É negociado, arbitrado, alavancado e transformado em um fluxo de sinais comercializáveis. Já nem é necessário que a paz exista de fato. Basta mencioná-la. Basta vislumbrá-la por tempo suficiente para que os preços disparem.

Assim, o pânico se torna matéria-prima. O alívio se torna um produto financeiro. E a negociação, mais do que uma prática diplomática, corre o risco de se tornar uma técnica para extrair valor. A verdadeira questão, portanto, não é se Trump está negociando. A verdadeira questão é quantas vezes um sistema pode tolerar que o poder político produza volatilidade, transformando-a em lucro para aqueles que sabem antes dos outros, e ainda assim continue a chamar isso de diplomacia.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

**Giuseppe Gagliano fundou a rede internacional Cestudec (Centro Carlo de Cristoforis para Estudos Estratégicos) em 2011, sediada em Como, Itália, com o objetivo de estudar a dinâmica conflituosa das relações internacionais a partir de uma perspectiva realista. Essa rede enfatiza as dimensões da inteligência e da geopolítica. Ele colabora com o Centro Francês de Pesquisa de Inteligência (CF2R), com a Universidade da Calábria no âmbito do programa de mestrado em Inteligência e com o IASSP em Milão.*
